

A PINTURA RUPESTRE PIAUIENSE EVIDENCIA A DOCTRINA DO SIGNIFICADO OU UMWELT

Zozilena de Fátima Fróz Costa**

RESUMO: A observação do conjunto de imagens representadas nos painéis de pintura dos Parques Nacionais, no estado do Piauí, mostra que o homem pré-histórico inspirou-se nos modelos da natureza para as suas criações. A relação entre natureza e cultura é uma evidência inegável, tanto que é possível identificar espécimes da fauna, já extinta, da flora da região, assim como o próprio homem nas diversas cenas do seu cotidiano presentes nas pinturas. O aproveitamento da topologia dos paredões rochosos das Toca da Extrema II, do Baixão da Vaca, do Boqueirão da Pedra Furada, no PARNA, Serra da Capivara, bem como a Pedra do Letreiro, a Pedra do Índio e da Gameleira, no complexo arqueológico de Castelo do Piauí, dentre outros exemplos, revela que o ambiente tornou-se significativo para as etnias primevas que habitaram essas regiões, ratificando a premissa de que o Universo é profundamente gramatical e capaz de contagiar, neste sentido, o homem primevo. Os exemplos encontrados nestas localidades servem para identificar a presença do conceito de *Umwelt* (*mundo subjetivo*), uma proto-teoria alemã, edificada por Jacob Von Uxküll, que salienta a relação entre corpo-ambiente, abrindo uma possibilidade para o entendimento da criação das manifestações artísticas dos diversos grupos étnicos que habitaram as regiões do estado do Piauí.

PALAVRAS-CHAVE: *Umwelt*. Pintura parietal. Incisões. Doutrina dos significados.

THE PREHISTORIC PAINTINGS IN PIAUI (BRAZIL) AND THE EVIDENCES OF THE DOCTRINE OF THE SIGNIFICANCE OR UMWELT IN THE NEOLITIC PRIMEVAL MAN

ABSTRACT: The analysis of the paintings found in the National Parks located in Piauí (Brazil) shows that the prehistoric humans were inspired by nature. The relationship between nature and culture is irrefutable and present in the primeval art. The paintings present species of the wild fauna and flora of that historical period, as well as pictures describing the social and cultural life of the inhabitants of those places. The first ethnic groups that lived in Toca da Extrema II, Baixão da Vaca, Boqueirão da Pedra Furada (archeological sites located at Capivara Mountain National Park) and Pedra do Letreiro, Pedra do Índio and the Gameleira (archeological sites located around Castelo of Piauí), took advantage of the topology of the rock walls, indicating that the environment was very significant for them. It demonstrates that the ancient humans were aware of the universe's grammatical rules. The main goal of this paper is to discuss how the examples of prehistoric art found in such localities are in agreement with the concept of *Umwelt* (subjective universe) and Jacob von Uxküll's semiotic theory.

KEY WORDS: *Umwelt*. Parietal painting. Incisions. Theory of signification.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os imensos paredões naturais do Parque Nacional da Serra da Capivara, ocupando uma área de 40.000 km² dos municípios de São Raimundo Nonato, João Costa, Coronel José Dias, Caracol e Canto do Buriti, no sudeste do estado, apresentam-se aos sentidos como majestosas cortinas de pedra, configurando-se como verdadeiras catedrais esculpidas pela ação do tempo. É indescritível a sensação sentida diante da exuberante beleza desse lugar. Mesmo que por instantes, nosso corpo é invadido por uma inexplicável contemplação prazerosa. Nosso olhar é aprisionado pelas minúsculas cenas que quase sempre não ultrapassam a 12 cm, revelando o cotidiano das etnias que habitaram essas terras num tempo tão longínquo, de aproximadamente 60.000 anos atrás.

O Parque Nacional da Serra da Capivara está situado numa região semi-árida do Piauí, no Polígono da Seca, precisamente no sudeste desse estado, distante cerca de 530 km de Teresina, sua capital. O panorama dessa região se dá a conhecer do alto da estrada que vai de Coronel José Dias a São João do Piauí, através de um mirante de onde se vislumbram dois pontos altos da paisagem: para o norte, o limite da bacia Sedimentar do Parnaíba, ou seja, a chapada e os inumeráveis vales e boqueirões que a recortam; para o sul, uma paisagem ondulada com alguns relevos dispersos, é a depressão periférica que continua até o rio São Francisco. Na direção norte, vislumbra-se uma paisagem quase sem presença da população humana; ao sul, a terra está semeada nas pequenas plantações. Sobre a chapada estende-se uma vegetação densa e uniforme, atualmente entrecortada de monoculturas de caju que impregnam o ar com seu perfume ácido. As águas que escorrem das áreas mais elevadas da serra para as mais baixas, formadas pela Depressão do Médio São Francisco, deram origem ao “pedimento”, uma forma de relevo de erosão que ocorre numa superfície inclinada da saída da *cuesta* para o vale do rio. As manifestações rupestres encontram-se localizadas, na sua maioria, nos sopés da frente da *cuesta* e nas paredes quase verticais dos *canyons*.

As pesquisas na região do Parque Nacional da Serra da Capivara, iniciadas na década de 1970, pela antropóloga paulista, Dra. Niède Guidon, conseguiu aglutinar uma importante equipe interdisciplinar de cientistas: Dra. Anne-Marie Pessis, Dra. Silvia Maranca, Dra. Maria da Conceição Soares Menese Lages, dentre outros e, a partir daí, tem feito dessa região um importante centro de pesquisa. Com a finalidade de fornecer os instrumentos jurídicos de modo a garantir a proteção adequada a uma área na qual se encontra a maior concentração de sítios

pré-históricos do país e preservar o patrimônio cultural e ecológico da região, foi criado esse Parque, em 05 de Junho de 1979, através do decreto nº.83548, pelo então presidente João Batista Figueiredo. Em 1986, foi criada a Fundação do Homem Americano (FUMDHAM), para desenvolver pesquisas que abrangessem o estudo da interação homem-meio, desde a pré-história até nossos dias. Diante do reconhecimento da importância histórico/ cultural foi declarado pela UNESCO, em 1991, com Patrimônio Mundial. Na visão de Pessis (2003, p. 23) desde então se assiste a três décadas de pesquisa nessa região, iniciadas pela Missão arqueológica Franco-Brasileira do Piauí, como cooperação científica binacional, permitiram reconstruir a pré-história e confrontar os dados da arqueologia com os cinco séculos de história escrita à maneira do conquistado e colonizador. Os fatos e os restos de cultura material descobertas e relacionados mostram uma realidade muito distante daquela sustentada até então. Essas informações residuais são indicativas de um modo de viver, sentir, refletir e se integrar em equilíbrio com o meio ambiente.

Portanto, a criação do Parque Serra da Capivara possui a missão de conhecer a pré-história do Nordeste brasileiro como uma necessidade vital para sensibilizar e despertar a consciência nacional sobre os povos indígenas, com o intuito de interromper o genocídio físico e cultural que continua a passar pelas lentes largas de autoridades, numa política indigenista excludente e dar ao componente indígena da identidade brasileira o seu valor ancestral, são as palavras de Pessis (2003, p. 23).

No sentido de contextualizar melhor o nosso objeto, foco da presente produção científica, torna-se imperativo esclarecer o uso de determinadas nomenclaturas, dentre as quais o quadro geral de classificação dos registros rupestres elaborada por Guidon, quando iniciou suas pesquisas na região do Parque, Serra da Capivara. Pessis (apud Niède Guidon, 1992, p. 6) define o quadro geral de classificação da seguinte forma:

[...] as tradições são definidas pelas classes de grafismos representados e pela proporção relativa que estas classes guardam entre si. Dentro das tradições pode-se, às vezes, distinguir-se sub-tradições segundo critérios ligados à diferença na representação gráfica de um mesmo tema e à distribuição geográfica. A unidade de base, o estilo, é definida pela técnica de manufatura e pela apresentação gráfica.

Nesse quadro essa cientista propõe a existência de três tradições de pintura: Nordeste, a predominante, a Agreste e a Geométrica e três tradições de gravuras:

Itacoatiaras de Leste, Itacoatiaras de Oeste e Gongo. A tradição Nordeste compreende a sub-tradição Várzea Grande com os estilos, Serra da Capivara, Complexo estilístico Serra Talhada e Serra Branca. Nesse período Guidon incluiu a Sub-tradição Salitre e atualmente, por entender que essa sub-tradição é formada por um único sítio, Toca do Salitre, denominou de Serra Nova, por possuir características formais e iconográficas variante do estilo Serra Branca. Ressalte-se “que a pesquisa sobre o registro rupestre leva em consideração, em princípio, as unidades de análise dos sítios rupestres e as unidades picturais rupestres de análises”, assegura Martin (1997, p.240). No primeiro caso, as unidades de análises são válidas para toda uma região rupestre ou um mesmo horizonte cultural. Ainda segundo o autor:

[...] são consideradas unidades de análises a técnica, a temática, os materiais utilizados (suportes, pigmentos, técnicas), a escolha dos sítios e o seu posicionamento espacial. Enquanto no segundo caso, as unidades picturais rupestres de análise referem-se ao estudo de cada sítio em particular, no qual se escolhe os conjuntos gráficos significativos e determinantes que filiam esse sítio a uma tradição determinada com as sub-tradições, estilos e variedades em que o registro rupestre convencionou-se dividir. (p. 240)

Em 1970, na Bahia, Valentin Calderón, foi um dos primeiros pesquisadores a utilizar este termo, definindo Tradição como :

[...] o conjunto de características que se refletem em diferentes sítios associados de maneira similar, atribuindo cada uma delas ao complexo cultural de grupos étnicos diferentes, que as transmitiam e difundiam, gradualmente modificadas através dos tempo e do espaço. (apud MARTIN, 1997, p. 240)

Ao fazer uso dessa definição, é possível entender que embora seja empregado o mesmo termo generalizado de tradição, há visíveis diferenças regionais. Para identificarmos essa característica, basta compararmos a sub-tradição Seridó no Rio Grande do Norte, no Mato Grosso e a sub-tradição Várzea Grande Tradição Nordeste no PARNA-Serra da Capivara, no Piauí, onde são evidenciadas diferenças estilísticas marcantes. Há, por outro lado, o uso do termo estilo por parte de alguns antropólogos, que parece ainda problemático. Para Pessis e Guidon (1992),

o estilo é bem específico e não tem sido aplicado como no senso comum. Trata-se da classe mais particular decorrente da evolução de uma sub-tradição segundo as variações da técnica e da apresentação gráfica, com inovações temáticas que refletem a manifestação criativa de cada comunidade. A análise cuidadosa das manifestações parietais nos levou a identificar que numa mesma tradição, muitas vezes, cada abrigo, cada paredão pintado, foi realizado por um autor diferente, daí resultar na singularidade da criação artística, marcas individuais de quem as criou. Em relação ao sistema de representação rupestre Martin (1997, p. 242) faz alguns questionamentos que acreditamos serem pertinentes: seria o estilo a obra unitária de um pequeno grupo cronologicamente limitado? Ou poderíamos defini-lo como interpretação subjetiva da macro-temática das grandes tradições? São questões bastante complexas que talvez em nenhum momento poderemos responder consistentemente, pois tratam-se de textos muito distanciados de nossa cultura. Contudo, é possível concordar com o pensamento de Martin quando pondera: “a evolução na forma de apresentação, indica, sem dúvida, diferenças culturais e cronológicas, sem esquecer, porém, o caráter subjetivo da mão humana” (p. 242). Ressalta-se que em se tratando das representações visuais é comum relacionar a idéia de *evolução* com *progresso*. Esses dois conceitos não podem ser confundidos como sinônimos, uma vez que quando se menciona a evolução, trata-se dos processos evolutivos estudados por Charles Darwin¹ e os estudos mais recentes de seus comentaristas. Evolução não é para melhor, como apregoa a idéia do senso comum de progresso. Evolução ocorre toda vez que um fenômeno está mergulhado no tempo e as explicações mais conhecidas dividem-se em duas correntes. Uma que entende a evolução por processos seletivos e a outra que a considera por

¹ Charles Darwin (1809-1882), naturalista inglês, pesquisando plantas e animais numa viagem de cinco anos ao redor do mundo, especificamente nas Ilhas Galápagos e nos atóis do Pacífico elaborou a sua notável teoria sobre a evolução e a seleção natural, publicadas em 1859, no seu livro: *A Origem das espécies*. Este eminente cientista defendeu a idéia que mutações aleatórias podem ajudar um organismo no caso específico de seu estudo, o tendilhão das Ilhas Galápagos- a adaptar-se ao meio ambiente. Assim, melhor adaptado para sobreviver, ele provavelmente passaria as mutações para os descendentes, ao longo de gerações, esse processo de “seleção natural” poderia originar espécies inteiramente novas. Portanto, Darwin defende a idéia que a vida teria se originado de uns poucos organismos primitivos. Razão pela qual as suas pesquisas foram consideradas como herege, condenadas pela Igreja e outros cientistas, especialmente por insinuar uma ligação ancestral entre os humanos e macacos. Contudo, felizmente a sua teoria tem sido revista e valorizada pelas descobertas científicas, especialmente com as pesquisas do DNA, que comprovam cientificamente a estreita ligação entre o homem e os seus mais próximos parentes, os chimpanzés.

saltos defendida pelos cientistas Eldredge e Gould denominando-a de equilíbrio pontuado².

Cada vez mais as descobertas sobre nossos antepassados nos surpreendem. Assim, em pesquisas de campo realizadas recentemente, tivemos a oportunidade de visitar alguns abrigos sob rocha, no complexo arqueológico de Castelo, localizado ao norte do estado do Piauí, ainda pouco conhecido e estudado. O conjunto de grafismos rupestres dessa região é, na sua maioria, de pinturas em várias tonalidades, inclusive tons de amarelo, preto e branco, do estilo Geométrico de pintura. Também possui um rico acervo de incisões a céu aberto, do estilo Geométrico, como por exemplo, o Sítio Covão do Jaburu, localizado em Juazeiro do Piauí, próximo a Castelo, cujo leito do rio encontra-se ornado por paredões repletos de incisões. No período do verão nordestino o leito encontra-se parcialmente seco restando apenas um filete d'água que serve para o gado e as pessoas das proximidades. Nesses paredões encontram-se o exemplo material da persistência do homem em dominar a natureza imprimindo as marcas de sua presença. As incisões rupestres, comumente denominadas inadequadamente de gravuras, encontram-se configuradas por centenas de signos geométricos subordinados às conformações naturais das rochas. Esses signos são gravados nas paredes em formato de círculos, semicírculos circunscritos, gregas, setas estabelecendo a sintaxe entre os cheios e vazios do espaço representacional.

É, portanto, o estado do Piauí um celeiro de manifestações rupestres, verdadeiros museus a céu aberto, dentre os PARNA: Serra da Capivara, Sete Cidades e da Serra das Confusões, em todas as regiões do estado encontram-se sítios com pinturas e gravuras rupestres. Lamentavelmente alguns desses sítios, por sua localização, próximos a estradas, encontram-se muito degradados, principalmente pela ação antrópica. Outros, contudo, se encontram tão preservados que se tem a impressão de que acabaram de pintar e ainda estão por perto. Aliás, esta sensação também é sentida pela energia que emana da terra, dos pássaros e

² Stephen Jay Gould, biólogo, teórico evolucionista desde Darwin, nascido em Nova York em 1941, formado em geologia, com doutorado em paleontologia. Quando foi professor de Harvard em 1967, foi colega de Niles Eldredge, também biólogo, e ao estudarem os registros fósseis, propuseram uma teoria revolucionista, denominada de “teoria do equilíbrio pontuado“. Segundo sua tese, há períodos de até milhões de anos em que as espécies não sofreram alterações, mas, intermitentemente, novas espécies surgem e ocorrem mudanças aceleradas em escala geológica, alvo extremamente lento para as escalas humanas do tempo. Isso criaria as pontuações de mudanças rápidas num cenário de equilíbrio constante, daí o nome da teoria. a biologia moderna vem comprovando as inovações trazidas por sua tese, evidenciada por saltos, na complexidade das espécies.

odores que exalam dos bichos, que apesar do homem, insistem em se manter nos seus nichos. E as flores e frutos que parecem mergulhar num profundo sono durante o verão e, ao receberem as primeiras gotas de chuvas, despertam, e tudo, enfim, recomeça. É a sabedoria da natureza, expressada na persistência da caatinga, a floresta branca e do sertanejo que não abandona o seu pedaço de chão, sua casinha, seu bode, sua única vaca leiteira e sua pequena roça de milho, feijão e mandioca. É certo que tudo isso nos fascina. O jeito simples de viver do piauiense do interior do estado. Nas viagens que tivemos oportunidade de empreender no interior das caatingas e do serrado pudemos perceber a beleza de nossa terra e de nossa gente.

O SIGNIFICADO DO “MUNDO PRÓPRIO” OU UMWELT DO HOMEM PRIMEVO PIAUIENSE

O homem sente necessidade em transformar o seu ambiente, para garantir a sua sobrevivência, e esse desejo encontra-se materializado por meio das imagens inscritas nas superfícies dos paredões, em pleno ar, seja pela pintura ou pela gravura. Mas, qual seria a necessidade de criar o mundo de imagens e construir os artefatos líticos e de osso dotados de um senso de harmonia e beleza? Esse fazer transformador é um reflexo da extrema necessidade que o homem traz no seu aparato biológico para dar formas às coisas, organizar, no exercício da própria consciência, como resultante de um processo dinâmico em que o homem ao transformar a natureza é transformado por ela. Assim “o homem não somente percebe as transformações como, sobretudo, se percebe nelas”, pondera Ostrower (1991, p. 282).

A análise do sistema de representação gráfico rupestre dá visibilidade para entender um pouco melhor como o sujeito faz uso de seus sentidos, por meio da observação, para a criação de imagens e, por conseguinte, como não permanece imune ou insensível diante do seu meio ambiente, já que o “Universo é profundamente gramatical”. Segundo Vieira (1994, p. 15) trata-se de “um texto Universal escrito ao longo do tempo e que tem ocupado a capacidade humana quanto ao estabelecimento e decifração de códigos, em tudo o que foi feito sob os nomes de Filosofia e Ciência, sem contar aqui as outras formas de conhecimento”. Desse modo, o observador não se limita apenas a contemplar o fenômeno, mas faz uma escolha no sentido de selecionar aquele que lhe parece importante para a descrição,

interpretação e explicação deste. Nesse processo, monta em sua mente um sistema que representaria eficientemente um sistema *externo*. Mesmo porque como Vieira (p. 17) aponta:

Quando um fenômeno emerge no mundo, traz em si marcas da fonte objetiva de origem: é percebido e registrado por um sujeito, que possui em sua organização algo dessas marcas, uma vinculação de caráter indicial. O meio ambiente foi, de alguma maneira, pelo menos parcialmente mapeado no observador [...]. Estudar a estrutura e organização de um fenômeno é estudar a estrutura e organização do objeto e também a isomorfia existente na estrutura e organização do sujeito. Não é o sujeito que 'cria' o mundo: ele foi criado pelo mundo e em contrapartida o cria também - e um ciclo de semiose é fechado.

Esses pensamentos foram reconhecidos ao analisar, na pesquisa de campo, as manifestações rupestres dos grafismos rupestres primevos, deixando evidente a presença dos *Umwelten* das diversas etnias que habitaram essa região em tempos muito remotos. Contudo, pensar naquelas etnias, seus modos de vida, suas crenças e costumes parecem adquirir uma visão incompleta sem pensar nas suas moradas, nas suas sensações, possivelmente prazerosas, quando deitados nos abrigos não se furtavam ao prazer de contemplar as imagens pintadas na suas moradas sob a luz do dia ou sobre as sombras que refletia no fogo das fogueiras, que serviam não só para aquecer seus corpos como também para afugentar as feras, como a onça.

Acreditamos que a função dos espaços físicos das grutas ou tocas foi muito mais abrangente do que muitos imaginam. As pesquisas arqueológicas de Niède Guidon (1992, p. 40) indicam que esses espaços territorializados ou domesticados garantiram aos povos primevos, de economia extrativista e de tecnologia simples, as condições ideais para garantir sua sobrevivência: o relevo que lhes protegiam, fonte de água farta e riqueza da fauna (como demonstram as descobertas de ossos da mega-fauna, de quatis, veados, tatus, etc.). Tanto isto é verdade que Aziz Ab'Saber, da Universidade de São Paulo, numa de suas conferências sobre as paleo-ocupações humanas na América do Sul, teria colocado que "a gruta é produto da noite e do medo, porque o homem é cego à noite e os animais não" (MARTIN, 1997, p. 48).

Pessis (1989, p. 13) comenta que na tradição Nordeste, do estilo Serra da

Capivara, “o tema da vida que tipifica as ações representadas. A sexualidade, a dança lúdica e ritual, os ritos cerimoniais coletivos, a caça individual de pequenos animais, definem os temas de interesse do Estilo Serra da Capivara”. Ressalta-se que esses temas apresentam-se em todos os estilos pertencentes a essa tradição, com algumas variações formais e iconográficas. Nesse sentido, pode-se considerar que se encontram intrinsecamente relacionados à sobrevivência conduzindo a tentar estabelecer conexões analógicas com os ciclos-de-funções estudados por Uexküll que considera os ciclos-de-funções³ mais importantes, parte dos mundos-próprios que são: o ciclo do habitat, o da nutrição, o do inimigo e o do sexo. Os ciclos-de-funções são considerados por ele como ciclos de significado, cuja missão se completa na utilização dos objetos significantes. Nesse sentido, procura-se justificar que o abrigo é um objeto significativo para o povo primevo porque cumpre um ciclo-de-função vital, de *habitat*, como forma de proteger o homem dos agentes naturais, como o clima, e de animais predadores. Assim como a predominância de cenas de caçada, de caráter sexual, também se encontram ligados aos ciclos de funções, intimamente relacionados ao fator de sobrevivência da espécie.

Além de corresponder à função de morada, a gruta teria servido a propósitos mais subjetivos quando emprestou sua arquitetura e o seu material, a rocha, o elemento mais antigo da Terra, para uma linguagem do espaço, dotado de significação. Diante dos paredões rochosos dos abrigos com manifestações parietais da região do PARNA, Serra da Capivara, deparamos com a qualidade plástica e soluções formais encontradas pelos povos primevos para expressar as suas emoções e visão de mundo. De repente, um conjunto de figuras presentes no painel central da Toca do Boqueirão da Pedra Furada (BPF), Tradição Nordeste, sub-tradição Várzea Grande e Complexo Estilismo Serra Talhada, pois contem sobreposição de estilos artísticos de diferentes temporalidades, tornou-se significativa para nós, quando percebemos que a composição obedecia à fratura da própria rocha que lhe servia de suporte. O apuro formal e iconográfico daquele conjunto de imagens despertava o interesse a partir da monumentalidade do paredão frontal, de arenito com 75 m de altura e 70 m de comprimento recoberto de pinturas rupestres, cerca de 1100 grafismos cuja narrativa apresentava cenas de caça, de sexo, de animais (cervídeos, lagartos, peixes, aves, etc.) com grande harmonia e beleza. As imagens

Na concepção de Jacob von Uexküll os ciclos-de-função são entendidos como aqueles que possuem um maior significado dentro dos *mundos-próprios* como: o ciclo do *habitat*, o da nutrição, o do inimigo e o do sexo, considerados indispensáveis para sobrevivência de todo o ser vivo.

são também encaixadas em nichos similares a molduras naturais. Num desses nichos, que se distribuem em volta ao painel central, já descrito, se encontra uma minúscula cena, de 4 cm apenas, denominada de cena do beijo, possivelmente a única na história dos povos primevos. Nessa cena é a gestualidade dos dois antropomorfos que desperta o interesse. Assim, também num outro painel frontal encontram-se desenhadas as imagens de dois antropomorfos, cuja gestualidade dirige os sentidos para a fratura da rocha, sugerindo que o relevo da rocha é elemento formal integrante da cena. Exemplos similares que identificam o teia de significado entre homem primevo e a natureza, sugerindo a presença da *doutrina dos significado* ou *Umwelt* encontramos no complexo arqueológico, situado em Castelo do Piauí. Essa região possui um acervo de mais de 30 (trinta) sítios com pinturas, predominantemente da Tradição Geométrica, além de um conjunto com incisões rupestres. Nessa região encontra-se a Pedra do Índio, cujo paredão possui características morfológicas dispostas em camadas horizontais que dão a nítida impressão de subordinar a composição de grafismos obedecendo à disposição da rocha, recoberta com um traço contínuo configurado por uma linha fina em tonalidade vermelho médio. A continuidade desses traços parece não deixar dúvidas que a arte é a primeira escrita cursiva do homem evidenciada nos grafismos, sugerindo o fluir do tempo interrupto, dada a ausência de intervalos entre os segmentos de linha, predominantemente, curva. No Riacho do Santana, localizado fora do PARNA, Serra da Capivara, nos apresenta o leito desse rio inteiramente coberto por incisões rupestres indicando claramente que a estrutura formal foi subordinada pelas camadas horizontais dos seus paredões.

Um dos exemplos mais poéticos do espírito criativo do ser primevo encontramos na Pedra da Gameleira, localizado no povoado de Picos em Castelo do Piauí, num abrigo cujo painel exibe a pintura de uma flor, com quatro pétalas, inteiramente coberta de um vermelho médio seguida de um grafismo geométrico com a mesma tonalidade. Contudo, é interessante ressaltar que o criador desta pintura aproveitou a concavidade natural da rocha, cuja forma guarda uma estreita semelhança com uma folha e aproveitou essa forma natural para contornar com a tinta nos abrigos do PARNA, Serra da Capivara, encontra-se outro exemplo ilustrativo da presença do *Umwelt*, num painel de teto da Toca da Entrada do Baixão da Vaca, com uma cena que recebeu uma configuração circular, reiterando o relevo natural da pedra. Na Toca da Roça do Sítio de Brás II, no mesmo Parque, é perfeitamente perceptível que o pintor primevo aproveitou uma concavidade natural da rocha para executar seu grafismo configurado por linhas retas. Além dos exemplos já

citados, tivemos oportunidade de experimentar um fato estético num painel de teto da Toca da Extrema II quando nos deparamos com as paredes inteiramente cobertas de imagens superpostas, de distintas temporalidades, configurando-se como verdadeiros palimpsestos. Nessa oportunidade percebemos a representação de círculos concêntricos como uma tentativa de copiar a textura da pedra, que lhe servira de suporte. Depois descobrimos que esses signos circulares, estão presentes em vários abrigos com arte parietal em outras localidades do estado do Piauí, dentre os quais um dos painéis do PARNA, Sete Cidades, localizado no Norte do estado do Piauí, cuja forma lembra a impressão da digital humana. Contudo, a representação dos círculos concêntricos em outros sítios não invalida a nossa descoberta porque tudo que até então era conhecido sobre as manifestações pictóricas desses povos levava a crer que se tratava da representação de temas do cotidiano, com grupos de antropomorfos realizando atividades de caça, de pesca, de caráter sexual, de rituais de dança, de iniciação, etc. Cenas estas provavelmente observadas na realidade exterior, fruto da observação da natureza, tendo como modelo a fauna, na sua maioria, a flora dessa região e nas atividades realizadas pelo homem. Era compreensível que tais analogias fossem resultantes da observação do espaço exterior ao abrigo. Esse achado consistiu-se numa verdadeira revelação. Então esse homem já não se contentava em ter como modelo apenas as cenas corriqueiras de uma realidade exterior, mas, voltava-se para o interior da sua morada, tendo, mais uma vez, a natureza como modelo. Certamente a superfície da pedra passaria a ser significativa para aquele homem. Tal descoberta leva a refletir sobre a existência da teoria da percepção elaborada Jacob von Uexküll, denominada de *Umwelt*, do *mundo-próprio ou subjetivo*, comprovando desse modo a doutrina do significado.

Jacob von Uexküll⁴ elege o *Umwelt*, termo alemão desenvolvido na biologia principalmente sua obra intitulada de *Umwelt und Innenwelt der Tiere*, publicada em 1921, apresentando pressupostos teóricos de grande relevância para as pesquisas

⁴ Jacob von Uexküll nasceu na Estônia em 1864, estudando Zoologia na Universidade de Dorport, posteriormente passou a desenvolver suas pesquisas no Instituto de Fisiologia de Heidenberga, onde iniciou uma pesquisa sobre a fisiologia dos animais, que mais parte serviria para fundamentar sua teoria voltada para o *mundo subjetivo* ou *Umwelt*. Já em 1926, organizou e dirigiu, na Universidade de Hamburgo, o Institut für Umweltforschung, o Instituto para o estudo do mundo-próprio na função de Professor Honorário direcionando suas pesquisas para três ramos da ciência, resultando na publicação de numerosos trabalhos que serviram para posterior reflexão das pesquisas de seu filho, Thure von Uexküll. Ainda em 25 de julho de 1944, antes de sua morte, conseguiu deixar um importante legado sobre suas teorias, fazendo uma revisão fundamental para a ciência.

que viriam a seguir na etologia pela teoria da significação. Para ter uma melhor compreensão sobre a teoria desenvolvida por esse grande cientista, torna-se fundamental ler seu texto clássico: *A stroll through the worlds of animals and men: a picture book of invisible worlds* de Jacob von Uexküll, e a obra de seu filho, Thure von Uexküll, intitulada de *The sign theory of Jacob von Uexküll*, que prossegue com a discussão entre semiose e a realidade.

Os exemplos citados, dentre muitos outros existentes no sistema de representação gráfico rupestre dos sítios piauiense evidenciam que, de algum modo, o meio ambiente sensibilizou esse ser primevo, tornando-se tão significativa que o levou a incorporá-lo às suas imagens representadas. Dessa forma, deixou impresso na superfície das paredes rochosas marcas de sua emoção e de sua visão de mundo, registrando sua presença como um ser sensível e pensante, resultante de seu *Umwelt* e das leis harmoniosas que existem na natureza. Acredita-se que do contato entre o homem e o plano que a natureza organiza, caracterizada por uma estética inerente a esta é compreensível que o homem primevo tenha criado leis dotadas de senso de beleza, equilíbrio e harmonia. Afinal a natureza possui uma *estética objetiva*, denominada por Charles Peirce (1839-1914), com capacidade de mobilizar emoções favorecendo uma experiência estética. É fato que a natureza é capaz de favorecer uma experiência estética que nem sempre pode resultar numa produção artística, contudo, toda a criação de uma obra é o produto de uma experiência estética.

É claro que exemplos não se resumem a estes citados. Contudo, parece ser suficiente para ilustrar o quanto o meio ambiente, especialmente o abrigo usado como moradia, exerceu poderosa influência, como objeto significativa, na produção gráfica do homem pré-histórico. Nesse sentido, pudemos refletir que a arte surge então como elemento mediador, entre o criador e seu ambiente, como produto de um especial modo de perceber o mundo ao seu entorno. Mesmo porque na visão de Vieira (1994, p. 122):

Esse é o pensamento peirceano: as leis que criamos, em nossa prisão significa, são harmoniosas com as leis que a Natureza, objetiva, usa. Os nossos enunciados e codificações podem ser diversos em alfabetos, em diversidade e em complexidade, em relação ao “plano” da Natureza, mas o produto final dessas ações, a eficiente no inanimado e a causação final inteligente, é o mesmo ou equivalente. Seja de vidro ou de tecido orgânico, o que é burilado forma a lente.

Estava, portanto, visivelmente marcada a relação entre o meio ambiente e o corpo do artista primevo, como resultante da teoria da percepção, em coerência com o pensamento de Jacob von Uexküll (p. 214) quando coloca: “graças à captação de motivos exteriores, o corpo de cada sujeito constitui-se receptor de significados daqueles objetos significantes cujas melodias estruturadoras adquiriram, como motivos, conformação no seu corpo”. Como interpreta Vieira (1994, p. 121):

as qualidades subjetivas formam o mundo objetivo, mas esta forma uma lente orgânica e fisicamente equivalente às que criam os artificialmente, para permitir a codificação e geração dos *Umwelten*. Podemos ressaltar os aspectos signos geradores de nossa subjetividade, de nosso *Umwelt*, de nossas formas de idealismo, etc., mas não podemos ignorar que esses aspectos são permitidos em uma interface que, de um lado, possui toda a complexidade tradutora e codificadora de nossa endosemiose perceptual visual mas que do outro, volta-se para o mundo com características deste, satisfazendo à uma gramática do mundo que em nossos códigos, chamamos “Física”.

Na acepção dessa teoria do significado nasce da relação entre o ser vivo, o mundo em volta e o mundo particular de cada espécie. Esse mundo é considerado como uma espécie de “bolha subjetiva” que é inerente a cada ser vivo. Em nota de rodapé Jacob von Uexküll (p. 24), chama atenção sobre o significado do termo *Umwelt*, colocando que este termo “corresponde a ambiente, mundo ambiente ou, com menos propriedade, meio ambiente”, porém, o sentido que este cientista emprega é bem mais abrangente porque significa qualquer coisa que depende do ser vivo considerado, como resultante de uma seleção por este realizada, dentre todos os elementos do ambiente, em virtude da sua própria estrutura específica, o seu *mundo-próprio*. Parece estar claro diante das suas colocações que Uexküll nunca conseguiu ver o mundo de uma maneira simplificada ou reduzida, admitindo sempre a sua complexidade, conceito este depois retomado por Edgar Morin (2000).

As descobertas de Jakob von Uexküll, estão inseridas numa *Semiótica mais idealista*, que faz da observação, instrumentos, canais perceptuais de comunicação e suas expressões tecnológicas via extra-sumarização, construídos através dos processos evolutivos. Estes permitem a emergência do sujeito, fazendo com que a sua intersecção com a realidade (o domínio da captura do fenômeno) seja o

que foi nomeado como um *Universo Subjetivo*, o *Umwelt*, que na sua concepção era o resultante da relação entre os seres vivos o meio ambiente. Na sua visão, a natureza era regida por leis as quais atuavam sob os seres vivos, estes portadores de significados, diferenciados e cabia a cada ser vivo selecionar os aspectos que os incorporava os seus *mundos-próprios*. Sob o viés desse pensamento parece estar claro que cada elemento do mundo natural adquire uma dimensão significativa para o ser vivo que o utiliza na sua sobrevivência. Assim a flor, dentre outros exemplos, adquire vários significados de acordo com o sujeito que a escolhe. Portanto, não tem para a abelha o mesmo significado que tem para a vaca e nem para a moça que, ao acolhê-la, transforma-a em adereço para enfeitar seus cabelos ou para encher um jarro. Parece estar implícito na teoria de Uexküll que os objetos ou coisas do mundo adquirem significado em relação a algo ou alguém que entra em contato com ele. Isto foi evidenciado por esta pesquisa ao empreendermos várias viagens aos sítios de registros rupestres no estado do Piauí. Em vários momentos nos deparamos com exemplos que demonstraram claramente, a profícua influência do meio ambiente na produção artística desses grupos étnicos que habitaram essa região. Pela observação realizada *in loco* parece estar claramente colocado que o ambiente dos povos pré-históricos teria se tornado significativo para esses povos capaz de sensibilizá-los, levando-os a observar, a pensar, a sentir e a exteriorizar esse mundo de sensações e emoções por meio das imagens pintadas, gravadas ou esculpidas nas superfícies parietais.

Para termos uma idéia do significado do *Umwelt* na vida de todo ser vivo, basta tecermos analogia com a bolha de sabão. Para ele “os mundos-próprios são tantos quantos os próprios animais [...]”. Por isso ele aconselha que:

Contemplemos um prado coberto de flores, no verão, ressoante de zumbidos de coleópteros e pululantes de adejares de borboletas; então construiremos para cada animal dos que povoam o prado, uma como que bola (bolha) de sabão, que represente o seu mundo-próprio, preenchido por todos aqueles sinais característicos que são acessíveis ao sujeito. Logo que entremos numa dessas bolas de sabão transfigura-se completamente o mundo ambiente que se abria em volta do sujeito. Muitas qualidades do variado prado desaparecem inteiramente, outras perdem as suas propriedades gerais; surgem novas correlações. Em cada bola de sabão passa a existir um mundo novo. (UEXKÜLL, p. 26)

Aplicando a teoria de Uexküll, a toca seria parte do *mundo-próprio* do animal, contudo ele ainda adverte que “o mundo-próprio é apenas uma fração do mundo ambiente que nós vemos desenrolar-se em volta do animal- e este mundo ambiente não é mais que o nosso mundo-próprio humano” (p. 41). É certo que o abrigo para exercer a função de moradia teve que assumir certas características essenciais, como o teto projetado para fora para proteger da ação do sol, do vento e da chuva; uma localização mais elevada que o chão, como tantos abrigos da região: a Toca da Entrada do Baixão da Vaca, Toca do Paraguaio, etc. Mesmo que a sua localização em uma elevação expressiva em relação ao solo, tenha servido para o *Homo sapiens* montar estratégias de caçada e defesa do seu território, não se pode esquecer a abundância de recursos naturais: a água e a caça, dentre outros. A reunião dessas condições adequadas à sobrevivência dessas espécies, viriam ao encontro das palavras de Uexküll (p. 42): “cada sujeito fia as suas correlações como os fios de uma aranha, relativamente a determinadas propriedades das coisas, e tece-as numa sólida teia que suporta a sua existência”. Não se pode esquecer que a primeira morada do homem, para desempenhar a função de proteção, teve que possuir os sinais característicos ou “qualidades” oriundas da correlação entre o corpo e as estruturas topológicas do abrigo. A superfície rochosa teria adquirido um especial significado para o homem primevo piauiense, como parte de seu *mundo-próprio*, o que de certa forma está de acordo com o pensamento de Uexküll (p. 145-146):

Cada mundo-próprio é, em si, uma unidade fechada, que em todas as suas partes é dominada pelo significado que o sujeito lhe atribui. Consoante o significado que tem para o animal. O cenário da vida abrange um espaço amplo ou limitado, cujos fatores dependem inteiramente, em número e grandeza, da capacidade de diferenciação do órgão sensorial do respectivo sujeito [...] Tudo quanto cai na esfera de um mundo-próprio, ou desaparece totalmente ou é adaptado e transformado até se converter num objeto com significado útil [...].

Este cientista pondera que os objetos podem mudar de significado, sem necessariamente mudar as suas propriedades. As paredes das grutas mesmo mantendo as propriedades físicas passaram a ser significantes para esse homem, tanto que serviram de modelo para as suas criações. Contudo, numa outra passagem de sua magistral obra sobre a *Doutrina dos Significados* Jacob von Uexküll chama atenção para o fato de que:

Nem uma única propriedade da matéria se conserva a mesma quando percorremos a série de *mundos-próprios* das diferentes espécies. De mundo para mundo, em cada um dos objetos que observamos muda, não só o teor significativo mas, também o arranjo de todas as suas propriedades, tanto materiais como formais. (VEXKÜLL, p. 213)

Assim, no *mundo subjetivo* ou *próprio* do homem pré-histórico as paredes não só serviram de abrigo, oferecendo refúgio e proteção como provaram ser capazes de transformar esses espaços em locais de moradas, preenchendo os paredões vazios com pinturas e gravuras como também usaram os minerais (gipsita, hematita, caulita, etc) para transformar em material tintório. Parece claro que os abrigos sob rocha mantiveram uma significação similar para os homens pré-históricos e para os outros animais, como socós, capivaras, insetos (vespas, maria-pobres, etc) que fizeram desses espaços físicos seus territórios e seus domínios. É errôneo pensar que o homem utiliza para proveito próprio todo o ambiente ao seu entorno pois, como todo ser vivo, procurou selecionar os elementos indispensáveis para garantir a sua sobrevivência. Nesse momento, quando faz a sua escolha, selecionando os elementos do meio ambiente, ele os incorpora de tal forma que passam a fazer parte de seu *mundo-próprio*, *subjetivo* ou seu *Umwelt*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das manifestações rupestres, pintura e incisões, dos Parques piauiense da Tradição Nordeste, nos permitiu identificar a presença da concomitância de várias hipóteses, evidenciando a influência dos abrigos habitados pelos *Homo sapiens* que habitaram nessa região, desde 60.000 anos atrás. Os abrigos, ou tocas, como são denominados popularmente constituíram locais abertos, possivelmente poderiam ter influenciado a percepção dessas etnias denunciando assim a presença do *Umwelt* desses povos. Esta possibilidade conduz ao entendimento de que esses homens se sentiam parte integrante do Universo. O espaço habitado era parte integrante, não apenas como um lugar passivo, mas como espaço ativo.

É claro que exemplos não se resumem aos citados no corpo deste trabalho. Contudo, a nossa pesquisa observou que as etnias que habitaram os parques piauienses citados, diferentemente das técnicas de grafismos usados, seja a pintura ou incisões rupestres, serviram para ilustrar o quanto o meio ambiente, especialmente

o abrigo usado como moradia, exerceu poderosa influência, como objeto significativa, na produção gráfica do homem pré-histórico. Nesse sentido, podemos refletir que a arte surge então como elemento mediador, entre o criador e seu ambiente, como produto de um especial modo de perceber o mundo ao seu entorno. Estava, portanto, visivelmente marcada a relação entre o meio ambiente e o corpo do artista primevo, como resultante da teoria da percepção, em coerência com o pensamento de Jacob von Uexküll.

Portanto, os registros gráficos dos parques piauienses, são testemunhos materiais para promover pelo menos uma reflexão sobre a vital necessidade desse corpo em interferir no seu espaço e por meio dessas marcas demonstrar suas impressões e sentimentos diante do mundo. Serviu também para iluminar a reflexão que tudo construído pela cultura foi uma resultante da mútua influência: o corpo agindo no ambiente e este agindo sobre o mesmo. Apesar do reconhecimento do avanço da Ciência e das novas tecnologias com novos métodos de pesquisa aplicados a arqueologia ainda resta muito a pesquisar e descobrir sobre a pré-história do homem. Para termos uma noção sobre o acervo de manifestações pré-históricas do Piauí, basta dizer que temos mais de 2.000 (dois mil) sítios arqueológicos no estado do Piauí, cadastrados pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Artístico Nacional), e essa quantidade tende a aumentar continuamente.

Finalmente, para entender a vida das comunidades que habitam nas regiões do Piauí, torna-se preciso vivenciar o que significa estar lá, pisar no solo, conversar com eles, gente simples, de sorriso fácil e franco. Essa gente que sorri com os olhos, que antes é um abraço a lhe acolher, é a essa gente que nos referimos, gente que nos emociona quando nos encontramos compartilhando da beleza dessas terras, que são nossas. É preciso penetrar naquele mundo de nossos ancestrais, numa tentativa de decodificar os significados da *bolha subjetiva*, o *Umwelt*, que com a nossa presença encontra-se atualizado a cada dia!

REFERÊNCIAS

- AKHOAN, André. **Dicionário de antropologia**. Lisboa: Verbo, 1983.
- BAYER, Raymond. **História da estética**. Trad. de José Saramago. Lisboa: Estampa, 1978.
- BOAS, Franz. **Arte primitiva**. Trad. de Paula Seixas. Lisboa: Fendas, 1996.
- BUNGE, Mario. **La investigacion científica**. Barcelona: Ariel, 1976.
- _____. **Tratise on basic philosophy**. Dochecht: D Reidel Pub.Co, 1977. v.3

- _____. **Tratise on basic philosophy. A World of Systems.** Dochecht: D Reidel Publ. Co, 1979. v. 4
- COSTA, Zozilena de F. Fróz. **Análise semiótica de configurações rupestres do Parque Nacional da Serra da Capivara, Piauí -Brasil.** 1999. 178 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.
- CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). **História dos índios no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura; FAPESP, 1992.
- DARWIN, Charles. **A expressão das emoções no homem e nos animais.** Trad. de Leon de Souza Lobo Garcia. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Trad. de Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GUIDON, Niède. Ocupações pré-históricas no Brasil (excetuando a Amazônia). CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). In: **História dos índios no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura; FAPESP, 1992. p.37-52.
- LEROI-GOURHAN. **O gesto e a palavra 1: técnica e linguagem.** Lisboa: Edições 70, [19--].
- _____. **O gesto e a palavra 2: memória e ritmos.** Lisboa: Edições 70, [19--].
- _____. **As religiões da Pré-história: o mito, o rito e o resto.** Trad. de M.I. da França. Rio de Janeiro: Edições 70 Ltda, [19--].
- _____. **Os caçadores da pré-história.** Trad. de Joaquim João Coelho da Rosa. Lisboa: Edições 70, 1987.
- MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil.** 2. ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1997.
- MORIN, Edgar. **O paradigma perdido, a natureza humana.** 6. ed. Trad. de Hermano Neves. Portugal: Publicações Europa-América, 2000.
- _____. **O Homem e a morte.** Trad. de Cleone Augusto Rodrigues. Rio de Janeiro: Imago, 1997. (Série Diversos).
- _____. **O método III: o conhecimento do conhecimento.** Sintra: Publicações Europa-América, 1986.
- _____. **O Método IV, as idéias: a sua natureza, habitat e organização.** Trad. de Emílio Campos Lima. Portugal: Publicações Europa-América, [19--].
- _____. **O problema epistemológico da complexidade.** 2.ed. Portugal: Publicações Europa-América, [19--].
- OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processo de criação.** 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- _____. **Universos da arte.** 6 ed. Rio de Janeiro: Campus, 1991.
- _____. **A sensibilidade do intelecto, visões paralelas de espaço e tempo na arte e na ciência, a beleza essencial.** 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

PESSIS, Anne-Marie. **Imagens da pré-história**. Parque Nacional Serra da Capivara. São Paulo: FUMDHAM; PETROBRAS, 2003.

_____. Apresentação gráfica e apresentação social na tradição nordeste de pintura rupestre do Brasil. *Clio*, Recife, PE, v. 5, p. 11-18, 1989.

PESSIS, Anne-Marie; GUIDON, Niède. Registros rupestres e caracterização das etnias pré-históricas. In: VIDAL, Lux Boelitz (Org.) **Grafismo indígena: estudos de antropologia estética**. São Paulo: Studio Nobel; EDUSP; FAPESP, 1992. p. 19-23

_____. Caracterização da unidade. In: FUMDHAM-IBAMA (Orgs.). **Plano de manejo**. Brasília, 1991. p. 256-283

UEXKÜLL, Jacob von. **Dos animais e dos homens, digressões pelos seus próprios mundos, doutrina do significado**. Trad. de Alberto Candeias e Aníbal Garcia Pereira. Lisboa: Livros do Brasil, [19--].

_____. A stroll through the words of animals and men: a picture book of invisible words. In: UEXKÜLL, Thure von (Ed.). **Semiótica (Special Issue)**. Berlin: Walter de Gruyter, 1992. p. 319-391.

VIEIRA, Jorge de Albuquerque. **Semiótica, sistema e sinais**. 1994, 320 p. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1994.

_____. O universo complexo. *Perspicillum*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 25-40, nov. 1993.